

BC intervém duas vezes, mas dólar sobe de novo e é recorde

Indicadores Câmbio

Mesmo com intervenções do BC, dólar sobe 1% e bate novo recorde

— Moeda americana encerrou o dia cotada a R\$ 6,09, marca histórica desde a criação do real; autoridade monetária vendeu US\$ 4,62 bilhões ao mercado ontem

Novas críticas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Banco Central e a piora das perspectivas do Tesouro para a dívida do governo se somaram ontem a um cenário já nada bom e fizeram o dólar bater um novo recorde histórico desde a criação do real. Mesmo com duas intervenções do BC durante as operações, a moeda americana fechou o primeiro dia da semana cotada a R\$ 6,09, com alta de 1,03% em relação a sexta-feira. Foi a terceira valorização consecutiva do dólar, que segue indiferente às ações da autoridade monetária

para tentar conter a desvalorização do real.

Segundo analistas, além da procura por dólares para remessas de empresas ao exterior, há uma demanda por proteção cambial que reflete o aumento da percepção de risco fiscal do País.

A demora na apreciação das medidas de cortes de gastos pelo Congresso, em uma janela cada vez menor de prazo, e as pressões para que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, entre em campo para evitar desidratação do pacote são parte importante desse cenário desafiador

para tentar conter a desvalorização do real.

Além de serem consideradas insuficientes, as medidas de contenção de gastos do governo podem ser diluídas no Congresso,

Morosidade
Dificuldade do governo em fazer avançar pacote de gastos no Congresso também pesa contra o real

que tem prazo exíguo para aprová-las ainda neste ano. O recesso parlamentar começa no dia 23 e vai até 1.º de fevereiro de 2025.

“O dólar segue em tendência de alta, que está muito ligada à questão do risco, com as incertezas fiscais e a piora nas estimativas de inflação. Isso afasta investimentos do País. Mesmo com o BC atuando, o real continuou a se depreciar”, diz a economista-chefe do Ouribank, Cristiane Quartaroli, lembrando que há ainda um clima de cautela à espera da decisão do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) sobre o rumo dos juros nos EUA.

Pela manhã, o BC realizou dois leilões de dólares à vista com compromisso de recom-

pra, em operações que somaram US\$ 4,62 bilhões (R\$ 28,2 bilhões). Foi o terceiro dia útil seguido com leilões de dólares desde a quarta-feira da semana passada, quando o Comitê de Política Monetária (Copom) apertou o passo e aumentou a taxa básica de juro (Selic) em um ponto percentual, para 12,25%, sinalizando mais duas outras altas de mesma magnitude. O choque nos juros é uma tentativa de conter a inflação diante da desconfiança do mercado quanto à disposição do governo de equilibrar suas contas.

DÍVIDA MAIOR. Ainda ontem, o Tesouro Nacional divulgou relatório em que aponta a piora do grau de endividamento do governo nos próximos anos, tendo como pano de fundo a deterioração das condições resultante do novo ciclo de alta do juro e do acúmulo de resultados negativos entre as despesas e a arrecadação do governo – o chamado déficit primário (mais informações na pág. B4). ● COM ANTONIO PEREZ

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1